

LA PATRIA

MIGRANTES E DEPORTAÇÕES: Carta do Papa Francisco aos bispos dos Estados Unidos da América



Queridos irmãos no episcopado:

Dirijo-lhes algumas palavras, nestes momentos delicados que vivem como Pastores do Povo de Deus que caminha nos Estados Unidos da América.

1. O itinerário da escravidão à liberdade que o Povo de Israel percorreu, tal como o narra o livro do Êxodo, convida-nos a olhar para a realidade do nosso tempo, tão claramente marcada pelo fenómeno da migração, como um momento decisivo da História para reafirmar não só a nossa fé num Deus sempre próximo, encarnado, migrante e refugiado, mas a dignidade infinita e transcendente de toda pessoa humana.

2. Essas palavras com as quais começo não são articuladas artificialmente. Mesmo um exame sumário da Doutrina social da Igreja mostra com grande força que Jesus Cristo é o verdadeiro Emanuel (Mt 1,23), pelo que não viveu à margem da experiência difícil de ser expulso de sua própria terra por causa de

um iminente risco de vida, e da experiência de ter que se refugiar em uma sociedade e em uma cultura alheia às próprias. O Filho de Deus, ao se tornar homem, também escolheu viver o drama da imigração. Gosto de lembrar, entre outras, as palavras com as quais o Papa Pio XII iniciou sua Constituição Apostólica sobre o cuidado dos migrantes, que é considerada como a carta magna do pensamento da Igreja sobre as migrações: «A família de Nazaré no exílio, Jesus, Maria e José, emigrantes no Egito e ali refugiados para escapar à ira de um rei ímpio, são o modelo, o exemplo e o consolo dos emigrantes e peregrinos de cada época e país, de todos os fugitivos de qualquer condição que, atimados pelas perseguições ou pela necessidade, são obrigados a deixar a pátria, a amada família e os amigos cativantes para ir a terras estrangeiras».[2]

3. Da mesma forma, Jesus Cristo, amando a todos com um amor universal, nos educa no reconhecimento permanente da dignidade de cada ser humano, sem exceção. De fato, quando falamos de “dignidade infinita e transcendente”, queremos enfatizar que o valor mais decisivo que a pessoa humana possui, ultrapassa e sustenta toda outra consideração de caráter jurídico que possa ser feita para regular a vida em sociedade. Portanto, todos os fiéis cristãos e homens de boa vontade, somos chamados a olhar para a legitimidade das normas e das políticas públicas à luz da dignidade da pessoa e dos seus direitos fundamentais, e não vice-versa.

4. Tenho acompanhado de perto a grande crise que está ocorrendo nos Estados Unidos por ocasião do início de um programa de deportações em massa. A consciência bem formada não pode deixar de fazer um julgamento crítico e expressar seu desacordo com qualquer medida que identifique, de forma tácita ou explícita, a condição ilegal de alguns migrantes com a criminalidade. Ao mesmo tempo, deve-se reconhecer o direito de uma nação de se defender e manter suas comunidades a salvo daqueles que cometeram crimes violentos ou graves enquanto estão no país ou antes da chegada. Dito isso, o ato de deportar pessoas que em muitos casos deixaram sua própria terra por motivos de extrema pobreza, insegurança, exploração, perseguição ou pela grave deterioração do meio ambiente, prejudica a dignidade de muitos homens e mulheres, de famílias inteiras, e os coloca em um estado de especial vulnerabilidade e desamparo.

5. Esta questão não é menor: um verdadeiro estado de direito verifica-se precisamente no tratamento digno que merecem todas as pessoas, especialmente os mais pobres e marginalizados. O verdadeiro bem comum é promovido quando a sociedade e o governo, com criatividade e estrito respeito ao direito de todos – como afirmei em inúmeras ocasiões -, acolhem, protegem,

promovem e integram os mais frágeis, desprotegidos e vulneráveis. Isso não impede promover o amadurecimento de uma política que regule a migração ordenada e legal. No entanto, a referida “maturação” não pode ser construída através do privilégio de alguns e do sacrifício de outros. O que se constrói com base na força, e não na verdade sobre a igual dignidade de todo ser humano, o mal começa e o mal termina.

6. Os cristãos sabem muito bem que, apenas afirmando a dignidade infinita de todos, nossa própria identidade como pessoas e como comunidades atinge sua maturidade. O amor cristão não é uma expansão concêntrica de interesses que pouco a pouco se expandem para outras pessoas e grupos. Dito de outra forma: A pessoa humana não é um mero indivíduo, relativamente expansivo, com alguns sentimentos filantrópicos! A pessoa humana é um sujeito com dignidade que, através da relação constitutiva com todos, especialmente com os mais pobres, pode gradualmente amadurecer em sua identidade e vocação. O verdadeiro ordo amorisco é preciso promover, é o que descobrimos meditando constantemente na parábola do “bom samaritano” (Lc 10, 25-37), ou seja, meditando no amor que constrói uma fraternidade aberta a todos, sem exceção. [3]

7. Preocupar-se com a identidade pessoal, comunitária ou nacional, independentemente dessas considerações, introduz facilmente um critério ideológico que distorce a vida social e impõe a vontade do mais forte como critério de verdade.

8. Reconheço o valioso esforço de vocês, queridos bispos dos Estados Unidos, quando trabalham em estreita colaboração com migrantes e refugiados, anunciando Jesus Cristo e promovendo os direitos humanos fundamentais. Deus recompensará abundantemente tudo o que eles fizerem em favor da proteção e defesa daqueles que são considerados menos valiosos, menos importantes ou menos humanos!

9. Exorto todos os fiéis da Igreja Católica, e todos os homens e mulheres de boa vontade, a não cederem às narrativas que discriminam e fazem sofrer desnecessariamente nossos irmãos migrantes e refugiados. Com caridade e clareza todos somos chamados a viver em solidariedade e fraternidade, a construir pontes que nos aproximem cada vez mais, a evitar muros de ignomínia, e a aprender a dar a vida como Jesus Cristo a ofereceu, para a salvação de todos.

10. Peçamos à Santíssima Virgem Maria de Guadalupe que proteja as pessoas e as famílias que vivem com medo ou com dor a migração e/ou a deportação. Que a “Virgem morena”, que soube reconciliar os povos quando estavam

inimizados, nos conceda a todos nos reencontrarmos como irmãos, dentro de seu abraço, e assim dar um passo à frente na construção de uma sociedade mais fraterna, inclusiva e respeitosa da dignidade de todos.

Fraternalmente,

Francisco.

Vaticano, 10 de fevereiro de 2025.

[1] Cf. Dicastério para a Doutrina da Fé, Declaração Dignitas infinita sobre a dignidade humana (2 de abril de 2024).

[2] Pío XII, Constituição Apostólica Exsul Familia (1 de agosto de 1952): «Exsul Familia Nazarethana Iesus, Maria, Ioseph, cum ad Aegyptum emigrans tum in Aegypto profuga impii regis iram aufugiens, typus, exemplar et praesidium exstat omnium quorumlibet temporum et locorum emigrantium, peregrinorum ac profugorum omne genus, qui, vel metu persecutionum vel egestate compulsi, patrium locum parentesque suaves et propinquos ac dulces amicos derelinquere coguntur et aliena petere».

[3] Cf. Carta encíclica Fratelli tutti (3 de outubro de 2020).

👤 [Luís Rogério](#) ⌚ [11 de fevereiro de 2025](#) 📁 [Sem categoria](#)

Publicado por Luís Rogério

Discente de Ciências Sociais. [Ver mais posts](#)

Deixe um comentário

LA PATRIA, Blog no WordPress.com.